

A INVISIBILIDADE DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

Alexander Edival, Amanda de Oliveira, Guilherme Brum, Giceli Mujica, Felipe Lucero

Escola Dolor Ferreira de Andrade- Campo Grande - MS

Ciências Sociais Aplicada

Tipo de Pesquisa: Científica

Palavras-chave: esportes, empoderamento feminino, mulheres

Introdução

Historicamente, a prática de mulheres no futebol, passou por repressões, preconceitos, ressignificações, e hoje vive talvez sua melhor fase histórica, seja com a criação recente do departamento de futebol feminino na Confederação Brasileira de Futebol (CBF), copa do mundo na França televisionada em TV aberta e agora com o comando técnico de uma mulher.

Reconhecido mundialmente como o “país do futebol”, esse termo não se refere ao futebol feminino. As mulheres tiveram várias dificuldades no esporte, a participação feminina brasileira profissionalmente nos esportes começou no ano de 1932, com a nadadora Maria Lenk. Segundo Goellner (2005) a nadadora ter participado dessa olimpíada foi um marco muito importante para ser registrada, pois foi em uma época em que se via a mulher como assistente e não como protagonista principal do esporte. Em 1941 as mulheres são proibidas de praticar esportes por meio do processo de regulamentação dos esportes no Brasil, nessa época foi criado CND – Conselho Nacional de Desportos. Em 1965 foi reforçado essa proibição por meio do governo militar, desta vez a deliberação cita especificamente o futebol feminino. Em 1979 vem o fim da proibição, entretanto o futebol feminino não recebe estímulos de clubes nem federações.

Em 1983 a modalidade foi regulamentada dessa forma foi possível criar calendários, utilizar estádios e ensinar nas escolas. Com isso surgiram os clubes pioneiros no futebol feminino. Já em 1988 foi realizado o primeiro torneio experimental na China organizado pela FIFA, não existiu confecção de uniformes femininos, tendo que utilizar os uniformes antigos do time masculino. Seguindo esse cronograma a primeira copa do Mundo Feminina foi realizada em 1991, o time brasileiro foi eliminado na primeira fase, por falta de investimento em preparação física.

Metodologia

Este projeto é uma pesquisa bibliográfica onde foram consultados livros e artigos científicos para o embasamento teórico do projeto. Primeiramente foi realizada uma pesquisa sobre a história do futebol feminino e após isso entender as dificuldades que as mulheres enfrentavam, para fazer uma comparação histórica da evolução e dificuldades encontrados na prática do esporte.

Consequentemente os investimento nos times de ambos os gêneros para se preparar e pagar os atletas profissionais. Destacamos a diferença de salário e apoio publicitário relacionados a utilização de suas imagens para a divulgação de empresas privadas.

Resultados e Análise

O time brasileiro feminino historicamente recebeu mais repressões que o time masculino, sendo proibidas de jogar e participar de competições por 38 anos. Goellner (2005) afirma que na época essas proibições eram sustentadas pela ideia de que se as mulheres praticassem esportes iam acabar tornando-se mais masculinizadas, que a essência frágil e delicada da mulher não permitia tal prática.

A ideia de um corpo frágil, esteticamente moldado e livre de atividades de força, restringia às mulheres que praticassem apenas atividades físicas tidas como femininas, e ficassem longe das modalidades “masculinas”, no caso do futebol, por exemplo. “[...] mulheres que praticam esportes considerados masculinos têm que enfrentar estereótipos de gênero, combatendo a crença de que sua participação nesses esportes é menos valiosa do que a dos homens.

No entanto, após tremenda resistência feminina e avanços significativos, o futebol feminino no país passou a consolidar-se a partir da década de 80, onde se tem registros dos primeiros campeonatos oficiais.

A primeira transmissão pela rede Globo de uma copa do mundo feminina somente ocorreu no ano de 2019. Mesmo elas tendo conquistado 2 Copas Américas, 2 medalhas de prata nas Olimpíadas, 3 medalhas de ouro e 1 de prata nos jogos Pan-americanos e na Copa Universíada 3 medalhas de ouro e 3 de Bronze.

No entanto, apesar destes significativos avanços, ainda é precária a estruturação da modalidade no país, pois são escassos os campeonatos, as contratações das atletas são efêmeras e, praticamente, inexistem políticas privadas e públicas direcionadas para o incentivo às meninas e mulheres que desejam praticar esse esporte, seja como participantes eventuais.

Segundo dados da FIFA de 2000, há 21.8 milhões de jogadoras de futebol. No Brasil, neste ano, estavam registradas 36 mil jogadoras sem contar crianças e praticantes ocasionais. Dentre essas, quatro mil eram registradas em federações e de alto rendimento. Para além destas situações a mídia esportiva pouco espaço confere ao futebol feminino e quando o faz, geralmente, menciona não

tanto os talentos esportivos das atletas, árbitras ou treinadoras, mas a sua imagem e o seu comportamento.

Quando se trata de investimento a jogadora Marta que já conquistou 6 bolos de ouro, tem o salário anual de 400 mil dólares. Enquanto o Neymar recebe anualmente um valor de 14,5 milhões de dólares além dos 22 milhões de dólares ganhos com publicidade. A desigualdade ainda existe, e é muita.

Considerações Finais

A forma amadora que os agentes administram a modalidade demonstrando certo descaso na gestão esportiva do futebol feminino, pois, a falta de calendário impulsiona tantos outros problemas, como a falta de patrocínio, a dificuldade de sobreviver financeiramente do futebol, a dificuldade de manter o condicionamento físico exigido pela modalidade, e como consequência a permanência às margens da estrutura do futebol

O nosso anseio é que uma das maiores essências do jornalismo, que é contar histórias, um dia consiga auxiliar na transformação da história do futebol feminino no Brasil. E que contribua para as mudanças significativas e positivas.

Referências

ADELMAN, M. Mulheres atletas: **re-significações da corporalidade feminina**. Revista Estudos Feministas, v.12, p.445-65, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil : entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática.**, Goiania, ano 1, v. 8, p. 85-100, 20 ago. 2005.